

FAÇA CHUVA, FAÇA SOL

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO. Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Será que vai chover? Calorzão, hein! Esse ano tá ruim de chuva! Essas são as formas mais comuns que os goianos têm pra puxar assunto quando não se tem nada de muito importante pra falar. Seguindo a estratégia: será que vai chover aí? Aqui no sertão goiano chove o dia todo, o tempo está manso e fresco. Adoramos tanto as chuvas que no mês de outubro, no ápice da seca, elas são uma mistura de sonho e delírio. As chuvas chegam pela boca do vizinho: Dionísio, ontem, choveu lá no Preto do Armando. Ela rodeia o sertanejo e o faz por vaidade de ser cortejada.

A nossa miragem desértica está na visão desejante que as nuvens carreguem água. A imagem de homens e meninos com o cabo da enxada sob o queixo e olhando para o céu pedindo que ele caia em toró é um arquétipo que constitui o olhar sonhador do roceiro. Quando inverna - período longo de chuvas - somos tomados pela falsa esperança de que talvez no ano não haverá seca. É com chão molhado que se risca a terra com carpideiras, arados e tratores.

É com água que preparamos a cama das sementes e as lágrimas do trabalho descem depositando um pouco da sua gente na terra. O cio da terra acontece na vaca parida, no tacho cheio de pamonha e na trepada diurna, pois ninguém vai pra roça quando a chuva está caindo. O sol, depois de dias escondidos, aparece na manhã arrebrandando as mamonas. Ele tem a elegância de secar as roupas que estavam enxumbradas e endurecer o barro da estrada.

No curral existe uma espécie de composição pastosa que é resultado do embatumado de bosta, terra e água: uma lama verde e fervilhante de metano. Quando o sol aparece é a deixa que os vaqueiros precisam pra tirar aquela massa viscosa causadora de frieiras em pés e patas. A natureza revés ao domínio da enxada e da foice vigora-se nas águas. Se o peão não ficar esperto, a roça morre no mato e o pasto fica sujo. No meu mundo, a limpeza é feita com enxada, existe um acordo de gente e ambiente. Tirar leite é ofício erótico da roça, metemos a mão e puxamos o leite espumante, mas antes o bezerro chupa os peitos da mãe; um *ménage a trois* lácteo. A mimosa excitada libera o leite cremoso que é apanhado na mão. O touro, enciumado, fica de fora do curral e urra de desejo.

Freud ficaria doidinho se frequentasse um curral: é a sublimação, histeria, id, berro, gemido e gozo despejado no latão. Um sujeito que começa a tirar leite na adolescência precisa urgentemente de terapia. Sujeitos e animais estão inexplicavelmente ligados, as vacas atendem por nomes e as chamamos com evocativos que mugem.

Um vaqueiro carrega o curral no cheiro, não há banho que tire aquela mistura de gente, animal e esterco.

O mundo do trabalho está nos corpos, que são moldados fisionomicamente pela repetição. Essa é a grande ontologia do trabalho, ele é grande agente moldador de corpos. Somos feitos de barro mole, mas o Deus que nos molda é o labor. Um capinador gerará de dores na coluna, um vaqueiro enrijecerá os tendões das mãos; elas não abrirão e nem fecharão, estão moldadas com os formatos dos seios bovinos. O sol erode terras e gente.

No mês de junho, a seca chega assobiante, vento frio encolhe a coragem de levantar cedo. O barro empoeira-se; o verde amarela-se; o amarelo empalidece. O capim some, a vaca emagrece e o leite mingua. O milharal está no paiol e os resquícios são a palhada seca ruminada pela Botija, Fartura e Maiada. A seca nos corrói como soda.

É hora de colocar o canavial no chão, o menino busca a água Paraguaia, no pasto, e o pai coloca-a na carroça.

A folha seca é tirada na batida da taboca e o facão zune nos interstícios de matéria vegetal e terra. A camiseta rasgada de político, na seca, é o EPI da roça, que protege faces e braços. O triturador come cana e espirra ração, as abelhas beiram-no à procura da fácil garapa. O rapazinho encorpa jogando o balaio nos ombros e derrubando-o no cocho. A seca come os meses, quando tudo estiver nu, o Ipê floresce. Há quem diga que ele desafia a morte cinzenta da seca, mas prefiro acreditar que os velórios precisam de coroas de flores; uma forma do verde nascente homenagear o que se dá a ser adubo. Os dias secos de uma vida seca fazem sua gente aventurar-se no mais belo espetáculo da natureza: o fogo. As folhas do quintal, reunidas pela vassoura de palha, viram o fogo das 6 horas da tarde; a lenha seca vira a fogueira da Igreja de São Sebastião, homens e mulheres, descalços, simpatizam com as simpatias. Por vontade de assepsia ou crença, o fogo limpa e pune. Papai fez acero no canavial pra atear fogo.

Eu estava com ele, meninos e cachorros são fiéis companheiros. O vento traiçoeiro esticou as labaredas até o bananal. Corre aqui, corre lá, mas ninguém segura a transa de fogo e folha seca. A quimera desejante das flamas lambiam, estalavam e amarrotavam os lençóis telúricos. O trabalho restituído à cinza. A selvageria daquele que arrebranta arames, derruba cercas, traz luz para noites tão escuras e faz de si o elemento da revolução.

O futuro da ausência fez o homem chorar como um menino e o menino sonhar como um viajante.

continua

Seria o fogo o grande libertador da condição doméstica do trabalho? Ou minha vontade calejada de levar aqueles morros ao pó? O Sol vem e mostra-nos a ressaca. Pobre ilusão, não era revolução, apenas mais uma festa da natureza. Os meninos e meninas da roça não comemoram as férias, serão trinta dias de trabalho em tempo integral. Deve haver algum acordo místico entre a escola e a seca só pra ferrar com as crianças do campo. Eu enfrentava o barro e a poeira pra fugir da roça, estudar é o sonho do *green card* caipira. Quando aprendemos a ler vogais e consoantes, sonhamos acordados com a beleza dos signos. Desde muito cedo, sabemos a proporção da vida; desde cedo, sabemos que canetas são mais leves que enxadas. Desde menino ouço que uma revolução tecnológica mecanizará todo o trabalho. Um vizinho benzedor profetizava que a informática poria fim ao trabalho braçal e que no futuro pra ser gari precisaria ser doutor. 20 anos depois, essas tortas roças cativam o sadismo de moer gente no eito do pé da enxada e os garis são tão invisíveis quanto a nossa consciência de consumo. Vejo nos meus alunos da roça os rostos queimados, as mãos calejadas e ainda sinto o mesmo cheiro de curral. Num desandar de memória olfativa, me reconheço quando os reconheço. O curral ainda está no meu suor. Sempre quis fugir da roça: não se escapa do que está dentro e territorializado ao lado do seu genoma.

Dedico esse texto aos meus amigos que, por diversos motivos, ficaram na roça, e, sobretudo, aos meus pais que enrijeceram seus corpos para que eu e meu irmão pudéssemos sonhar com infinitos voos da palavra.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.

FAÇA CHUVA, FAÇA SOL